

6. Todos juntos

“Nada absolutamente antepõem a Cristo – que nos conduza todos juntos para a vida eterna” (RB 72, 11-12).

Vimos que, quando Jesus nos pede para “permanecer n’Ele”, para “habitar no seu amor”, isto é, para sermos seus amigos, fá-lo pedindo-nos que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou (cf. Jo 15, 4-17). Não se ama Cristo, não se adere a Ele, não se está com Ele sem abraçar o seu Corpo, a Igreja, a comunidade cristã, os irmãos e irmãs que encarnam para nós a presença real do Senhor. Toda a Regra de São Bento nos educa, forma e corrige para viver a comunhão fraterna como forma real da comunhão com Cristo.

Os capítulos da Regra dedicados à oração, mais do que a rezar a Deus, ensinam-nos a rezar a Deus *juntos*. Todos os capítulos do 8 ao 18 são dedicados à organização do Ofício divino rezado em coro. O capítulo 19 trata de como salmodiar, pedindo a cada monge que seja interiormente consciente de como devemos estar na presença de Deus, pensando nas palavras que se recitam. Este é certamente um trabalho pessoal, que se deve fazer com o próprio coração, mas não devemos esquecer que Bento não está falando da oração na solidão, mas da oração coral em comunidade: “Consideremos, pois, de que maneira cumpre estar na presença da Divindade e de seus anjos; e tal seja a nossa presença na salmodia, que nossa mente concorde com nossa voz” (RB 19, 6-7).

Claro, São Bento respeita e favorece a oração pessoal, a relação de cada coração com o Senhor; mas também esta oração ele a descreve no âmbito da comunidade, por exemplo, pedindo no capítulo 52, dedicado ao oratório do mosteiro, que os irmãos “saíam todos com sumo silêncio e tenha-se reverência para com Deus; de modo que se acaso um irmão quiser rezar em particular, não seja impedido pela imoderação de outro” (RB 52, 2-3). E logo depois São Bento, depois de ter afirmado que cada monge é livre de entrar quando quiser no oratório para rezar em silêncio, diz que quem entra para rezar deve fazê-lo de modo a não perturbar os outros (cf. RB 52, 4-5).

É como se a regra da oração, tanto comum como individual, fosse sempre a comunhão fraterna. São Bento sabe que a oração autêntica é somente aquela de Cristo e que a oração de Cristo é guardada e expressa pelo seu Corpo místico, a Igreja. Também o eremita reza verdadeiramente se está em comunhão com o Corpo de Cristo. A oração da Igreja está sempre acesa pelo dom do Espírito, desde o Pentecostes.

Mas sabemos também que a comunhão fraterna, que coincide com a comunhão com Jesus Cristo, não nos une somente quando rezamos o Ofício divino ou celebramos a Eucaristia. A Obra de Deus e a Eucaristia são o centro fontal de uma vida de comunhão com Deus que se alimenta de cada momento e circunstância da vida. Toda a vida do mosteiro é litúrgica no sentido de que, em tudo e sempre, a presença do Senhor nos chama a estar em comunhão com Ele e, n’Ele, com os irmãos e irmãs.

São Bento educa-nos a viver cada instante e cada circunstância com o desejo de estar com Jesus. A porta sobre a qual está escrito “*VOLO TECUM* – Quero estar contigo” não é somente aquela da igreja, mas a da liberdade do nosso coração na sua relação com a realidade da vida. O nosso coração é a porta que nos faz entrar em cada circunstância e encontro do dia dizendo “Quero estar contigo, Senhor!”. Quem vive assim, quem desperta este desejo nos momentos de oração e meditação, vê-se vivendo uma aventura sem fim, porque tudo é espaço e ocasião para encontrar o Senhor e viver em comunhão com Ele. Tudo então se torna “paraíso”, um retorno à vocação original da nossa humanidade feita por Deus para Deus.

“Cremos estar em toda parte a presença divina e que os olhos do Senhor perscrutam em todo lugar os bons e os maus. Creiamos nisso principalmente e sem dúvida alguma, quando estamos presentes ao Ofício Divino” (RB 19, 1-2).

Entre a vida cotidiana e o tempo consagrado à oração litúrgica há um nexo constante. A presença de Deus é real, universal e divina, sempre e em toda parte. Os lugares e tempos consagrados à oração coral despertam e aprofundam em nós a atenção preferencial à Divina Presença que temos a tendência de esquecer e de negligenciar.

Muitas vezes, a realidade cotidiana, as pessoas e as coisas com as quais entramos em contato, em vez de serem ocasiões de encontro com Cristo, reduzem-se frequentemente a um contato superficial que esquece a Sua presença. Mas assim não negligenciamos somente a Divina Presença, mas também as pessoas e as coisas que frequentamos, porque Cristo é a verdade e o valor últimos e profundos de toda a realidade e, sobretudo, de cada pessoa que encontramos.

Por exemplo, quando devemos cuidar de um irmão doente. Certamente, podemos cuidar bem dele mesmo que nele vejamos somente o doente, mas é um olhar redutivo, que, no fundo, define o outro somente pela sua doença e, portanto, por aquilo que nele é fraco e difícil de suportar. E este olhar reduz também a nós mesmos, porque nos tornamos somente pessoas que devem prestar um serviço, talvez até com competência e generosidade, mas é como se tratássemos o doente de cima para baixo, porque ele é o fraco e nós os fortes que dele cuidamos. Mas, se tratamos o doente com o desejo de estar com Jesus, reconhecendo Cristo presente nele, é como se a realidade na qual vivemos se dilatasse e se tornasse muito mais intensa e grande do que as aparências.

O início do capítulo da Regra sobre os irmãos doentes revela-nos o segredo da intensidade de toda a vida:

“Antes de tudo e acima de tudo deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva como verdadeiramente ao Cristo, pois Ele disse: ‘Fui enfermo e visitastes-me’ (Mt 25, 36) e ‘Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes’ (Mt 25, 40). Mas que os próprios enfermos considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem” (RB 36, 1-4).

Veem como Cristo muda a realidade? Mais ainda, como nos permite ver e viver a realidade na sua verdadeira dimensão? A realidade que vemos é um irmão doente, talvez difícil de cuidar, porque sofre e tem a impressão de ser negligenciado. A realidade que vemos é que estamos encarregados de uma tarefa fatigante, às vezes realmente desagradável, que não nos gratifica. Frequentemente nos é pedido que nos ocupemos de irmãos e irmãs em fim de vida que perderam o uso da razão, que talvez vegetem. Mas eis que a fé e a oração acendem sobre esta realidade uma luz nova, aquela que vê e reconhece Cristo presente. De repente, a realidade humana aparentemente negativa torna-se divina, torna-se como a vê Deus e torna-se Deus que nos olha. De negativa, torna-se a realidade mais importante que existe, uma realidade a se adorar, porque nela Deus está presente. Isto não elimina o cansaço e a dificuldade da realidade. Mas muda tudo, porque, como escreve São Paulo, “todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!” (2Cor 5, 17).

A verdadeira novidade é Cristo presente e reconhecido na realidade que vivemos; Cristo que nos pede para estar com Ele, que nos oferece e pede comunhão, amizade. Tudo se torna relacional. Também o doente, imerso na negatividade desta situação, se pensa nisso, percebe que a sua doença é espaço de comunhão com Jesus. Paradoxalmente, uma doença, ou a prisão para os encarcerados, ou qualquer outra situação de constrição e de pena, tornam-se paraíso, porque são reconhecidas e vividas como chamado e dom de estar mais intensamente com o Senhor.